

Trinta milhões não têm acesso a médicos

Fotos: Ivaldo Cavalcante 02.12.88

Zenaide Azeredo

Num país onde bilhões de cruzeiros são recolhidos mensalmente aos cofres públicos somente para a previdência social, 30 milhões de brasileiros ainda não dispõem de qualquer condição de acesso à assistência médica, enquanto outros 30 milhões estão sendo atendidos pelo serviço médico alternativo.

Além disso, como forma de demonstrar a falência do sistema público de saúde, o presidente da Fundação Brasileira de Hospitais, Carlos Eduardo Ferreira, revelou que os 4 mil hospitais da rede privada respondem hoje por 85% de todo atendimento hospitalar efetuado pela Previdência Social, responsabilizando-se ainda por 60% do atendimento ambulatorial e 70% do atendimento a nível de exames complementares.

Pluralismo

Dentro deste quadro caótico, em que a área privada detém ainda 403 mil leitos dos 518 mil existentes em todo País apenas 115 mil são oferecidos pelos hospitais públicos, o presidente da FBH, Carlos Ferreira, disse que somente o pluralismo assistencial "com a convivência harmônica entre as redes hospitalares pública e privada, pode levar à recuperação dos serviços de prestação de saúde".

A situação dos hospitais brasileiros e uma avaliação do sistema de seguridade social para a recuperação da saúde foi o tema de um debate que, ao reunir no auditório Nereu Ramos representantes do governo, presidentes de associações de hospitais e de sistemas alternativos de saúde, mostrou também que o grande anseio do setor privado — maior fluxo de investimentos para seus hospitais — não se constitui no único obstáculo para que o entendimento se instale entre os setores público e privado.

Na verdade, conforme deixou claro o ex-secretário de Saúde do DF, deputado Jofran Frejat, mais que apenas alocar recursos para a rede privada, o que o governo precisa fazer é acabar com a prática de credenciamento de hospitais apenas por interferências políticas, desperdiçando recursos e não atendendo as necessidades da população.

Recursos

A qualidade do atendimento médico, no entanto, não parece ter sido a maior preocupação das 40 autoridades ligadas à área de saúde que, durante todo um dia, debateram o tema "Hospital — Vida ou Morte". Promovido pela Comissão de Seguridade Social e Família da Câmara dos Deputados e pela Federação Brasileira de Hospitais, o



A imagem do abandono está sempre presente hoje nos hospitais das redes públicas de saúde

fórum serviu para que todos concordassem com o mau atendimento proporcionado à população, sem que, no entanto, qualquer solução concreta tenha sido apresentada.

Recursos, recursos e mais recursos foi o pedido que mais se ouviu ao longo das intermináveis oito horas de discussão dos debatedores.

Assim, o secretário Nacional de Saúde, Ricardo Akel, falando sobre os progressos instituídos na Constituição Federal, analisou o SUS (Sistema Único de Saúde) e salientou que o responsável pelo atendimento ao doente será principalmente o município, através de instituições próprias ou de convênios com serviços de assistência à saúde, privados ou contratados.

Na contramão da história, no entanto, o vice-presidente dos Conselho Nacional dos Secretários Municipais de Saúde, David Capistrano Filho, defendeu a união do sistema hospitalar público e privado em torno de reivindicações como o aumento de recursos para a saúde, de forma a se conseguir, inclusive, uma maior parcela de arrecadação fiscal da União.

Custos

Na mesma linha de raciocínio — recursos para o SUS ou para os hospitais, em particular —, falaram o presidente do Conselho Nacional dos Secretários Estaduais de Saúde, Pedro Ferreira de Mello Filho, o presidente da Federação Nacional de Estabelecimentos de Saúde, Francisco Dellape, e o represen-

tante da Federação das Misericórdias Ivo Arzua Pereira, para quem os custos hospitalares teriam de ser complementados pelos usuários, uma posição igualmente defendida pela Federação Brasileira de Hospitais.

Ao final do fórum, posicionaram-se, de um lado, representantes do governo, prometendo mais recursos (3% do PIB este ano), e os empresários, pedindo mais dinheiro sem que a falência do setor da previdência social chegasse a ser discutida. Não foram sequer analisados os motivos que levaram 30 milhões de brasileiros a procurar os serviços médicos alternativos e nem as razões que marginalizam outros 30 milhões de qualquer atendimento.